



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL-UAB
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA



ELIZAMAR BACELAR DE OLIVEIRA

TINGUIS: MEMÓRIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL (1990-2003)

BURITI DOS LOPES-PI

2019

ELIZAMAR BACELAR DE OLIVEIRA

TINGUIS: MEMORIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL (1990-2003)

Trabalho apresentado como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, sob orientação da Prof.^a Ms Débora Viana da Silva.

BURITI DOS LOPES-PI

2019

O48t Oliveira, Elizamar Bacelar de.
Tinguis: memória, história e identidade social (1990-2003) /
Elizamar Bacelar de Oliveira. - 2019.
49f. : il.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí -
UESPI, Universidade Aberta do Brasil - UAB, Núcleo de Educação à
Distância - NEAD, Curso Licenciatura Plena em História, Buriti dos
Lopes-PI, 2019.

“Orientador(a): Prof. Msc. Débora Viana da Silva.”

1. Povoado Tinguis. 2. História. 3. Identidade Social.
I. Título.

CDD: 981.22

ELIZAMAR BACELAR DE OLIVEIRA

TINGUIS: MEMORIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL (1990-2003)

Trabalho apresentado como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, sob orientação da Prof.^a Ms Débora Viana da Silva.

Aprovada em: 08 /02 /2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Débora Silva Viana

Prof.^a Esp. Ana Claudia de Sousa

Prof.^a Esp. Antonia Almeida de Araujo

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento em primeiro lugar é ao meu pai soberano criador dos céus e da terra, o Deus todo poderoso, que ao longo destes quatro anos do Curso de História, não me deixou sozinha, me ajudou em tudo. Durante o Curso enfrentei vários problemas, perda, como a do meu pai, a qual fiquei no fundo do poço a ponto de desistir, mas Ele com seu amor me fortaleceu e me ajudou a prosseguir, a Ele toda honra, glória e louvor;

A minha família por fazer parte da minha vida, sendo meu suporte necessário para prosseguir no Curso, em especial às minhas irmãs Elessandra, Milca e minhas sobrinhas Amanda e Márcia que foram amigas e parcerias neste percurso;

Ao tutor Mariano Sérgio que com seu jeito amigo me ajudou muito, sempre atencioso e prestativo, como também ao Tutor Golbery Gregório sempre apoiando a turma não medindo esforço para nos ajudar;

Em especial a minha professora orientadora Débora Silva Viana, por sua paciência, compreensão, sempre pronta a ajudar, por sua dedicação e competência ao ministrar as aulas e por ter sido sempre uma pessoa amiga quando precisei;

A turma do “fundão”, pelos bons momentos que vivemos no decorrer do curso, dentre estes em especial Revianne e Dayane companheiras de estudo e viagem;

A todas as pessoas que aceitaram passar informações orais e documentais para a realização deste trabalho;

A todos os meus amigos que foram meus parceiros, dando forças e sendo compreensivos em todos os momentos.

Dedico esse trabalho para meu pai, onde sua lembrança e histórias contadas ficarão sempre guardadas em minha memória.

“A memória é a identidade em ação.”

Joel Candau (2011)

RESUMO

O presente estudo consiste em analisar a História do Povoado Tinguís, localizado no Município de Buriti dos Lopes-PI, destacando por meio da Metodologia da História Oral a sua formação inicial, os fatores históricos e as mudanças ocorridas entre os anos de 1990-2002. Memória e identidade estão presentes no contexto do trabalho, pois ambos se juntam para “reconstruir” e “trazer o passado” para o presente através das lembranças dos entrevistados. Para sua realização buscou-se subsídio na pesquisa qualitativa. A pesquisa utiliza-se como referenciais teóricos autores que contemplam a sobre a temática a memória e sua relação com a história e identidade de determinado grupo. Dentre eles encontram-se Eclésia Bosi (1994) que trata das lembranças de idosos; Manuel Castells (2003) que aborda em seu estudo sobre a identidade dos movimentos sociais, Michael Pollak(1992) e Joel Candau (2011) que tratam sobre a memória e identidade social. Por meio dos relatos históricos das pessoas do povoado Tinguís, foi possível registrar a memória e a história a partir de fragmentos adquiridos dos antepassados até os dias atuais, podendo constatar a importância da sua cultura social, seus costumes e crenças no âmbito social. Pôde-se perceber a importância de se registrar a memória e a história do povoado Tinguís através da escrita, contribuindo para que essas lembranças sejam repassadas as gerações atuais e futuras.

Palavras – chave: Memória. Identidade. História.

ABSTRACT

The present study consists of analyzing the History of the Tinguis Village, located in the Municipality of Buriti dos Lopes-PI, highlighting through its Oral History Methodology its initial formation, historical factors and changes occurred between the years 1990-2002. Memory and identity are present in the context of the work as they come together to "rebuild" and "bring the past" into the present through the memories of those interviewed. For its accomplishment, it was sought a subsidy in the qualitative research. The research uses as reference theoretical authors who contemplate on the thematic the memory and its relation with the history and identity of a certain group. Among them are Eclésia Bosi (1994) that deals with the memories of the elderly; Manuel Castells (2003) who approaches in his study on the identity of social movements, Michael Pollak (1992) and Joel Candau (2011) that deal with memory and social identity. Through the historical accounts of the people of Tinguis, it was possible to record the memory and the history from fragments acquired from the ancestors until the present day, being able to verify the importance of their social culture, their customs and beliefs in the social scope. The importance of recording the memory and the history of the Tinguis village through writing can be realized, helping these memories to be passed on to present and future generations.

Keywords: Memory. Identity. Story.

LISTA DE LUSTRAÇÕES

Imagem 01 - Procissão da Nossa Senhora dos Milagres.....	25
Imagem 02 - Encenação da via sacra pelos moradores.....	27
Imagem 03 – Semana cultural da Escola Pedro Mariano de Freitas.....	28
Imagem 04 – Aniversário do Assentamento Josué de Castro.....	38
Imagem 05 – Grupo de dança Sky Black.....	38
Imagem 06 – Fazenda Tinguís.....	39

LISTA DE SIGLA

FETAG - Federação dos trabalhadores Agricultores

CPT – Comissão Pastoral da Terra

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

STR- Sindicato de Trabalhadores Rurais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 GÊNESE: POVOADO TINGUIS.....	17
2.1 Fatores históricos do povoado Tinguis.....	20
2.2 Características da população do povoado.....	22
2.3 Manifestações culturais do povoado Tinguis.....	24
3 PROCESSO MIGRATÓRIO DOS MORADORES DO POVOADO TINGUIS.....	30
3.1 Luta e identidade: a construção da identidade pelo movimento social.....	32
3.2 Assentamento Josué de Castro: Mudanças significativas ocorridas no povoado no Tinguis.....	35
4 CONCLUSÃO.....	41
FONTES.....	43
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICES	

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas têm aumentado de forma significativa estudos sobre memória e história. Para Janaina Amado (1995) História e memória mantêm estrita relação. Sendo assim, se torna difícil separá-las, pois as mesmas se conciliam também, quanto à identidade de quem recorda.

Cada pessoa pode ser reconhecida pelo conjunto de suas lembranças, nas quais geralmente essas, em âmbito social, referem-se ao conjunto de suas memórias e só pertencem às próprias pessoas. A memória tem faculdades de separar sobre si própria e sobre os outros, permite recuperar acontecimentos, pessoas, relações, tempo e sentimentos dando-lhe significados, por isso ao passo que a pessoa tem lapsos de memória conduz à perda de identidade.

Partindo do pressuposto, por meio de indagações e angústias do presente de que o homem se volta ao passado e assim a história é construída no meio social, foi que surgiu o desejo de pesquisar sobre a memória, a história e a identidade social dos moradores da localidade Tinguís, município de Buriti dos Lopes-PI, desde sua formação inicial realizada por meio do Movimento Sem Terra (MST) até quando passou a ser chamado Assentamento Josué de Castro.

O recorte temporal desta pesquisa engloba a história do Tinguís no período de 1990 a 2003, acontecimentos históricos importantes ocorreram no local e devem ser elencados para poder se entender o presente estudo. No entanto, neste período citado, os moradores da localidade passaram a sofrer duras perseguições, chegando ao ponto de lutar para conquistar o direito de ter sua própria terra, e assim buscar mudanças significativas que serão explanadas no decorrer deste trabalho. Diante do exposto, foi definida a problemática do presente estudo, sendo essa: Como ocorreu o processo histórico do Tinguís até ser chamado Assentamento Josué de Castro? Qual a importância da memória na construção da história e identidade social dos moradores do Tinguís?

O objetivo geral deste estudo é analisar a história do povoado Tinguís, do ponto de vista histórico e social, levando em conta a identidade dos seus moradores e suas lembranças relevantes aos acontecimentos marcantes ocorridos no local, na

perspectiva histórica ao longo dos anos, enfatizando suas lutas e conquistas. Já os objetivos específicos são: Caracterizar a participação do povoado Tinguís na Guerra dos Balaios; Identificar a identidade social dos antigos moradores dos Tinguís; Compreender sobre a importância da história dos Tinguís; Descrever os motivos que fizeram os antigos moradores mudarem para outros lugares; Identificar as principais mudanças ocorridas no povoado Tinguís ao longo dos anos.

O povoado Tinguís está localizado no Município de Buriti dos Lopes–PI e tem grande importância histórica, pois os balaios em 1839 passaram por este povoado. Sendo assim, políticos que governavam o município de Buriti dos Lopes instalaram fazenda neste lugar, ocasionando um período de subjugação dos então moradores da época, nesse sentido, os moradores diante do sofrimento aos poucos foram migrando para outros locais.

O interesse em pesquisar sobre a memória e identidade surgiu ao longo do Curso de História até que foi se consolidando. A partir daí, para se trabalhar a temática, o povoado Tinguís foi escolhido como a necessidade de resgatar a história do local do ponto de vista histórico, como suas lutas e conquistas, valorizando os sujeitos que trabalharam coletivamente e individualmente, atuando na construção de sua própria identidade, como também na construção de uma identidade coletiva. De acordo com Janaina Amado (1995) memória e história conjugam-se também para conferir identidade a quem recorda, pois cada ser humano pode ser identificado pelo conjunto de suas memórias.

A História só existe quando a transformamos em problemas, inquietações e indagações, com as quais é possível compor leituras de espaços e tempos construídos por sujeitos historicamente determinados. Segundo Michel de Certeau, fazer História é uma prática mediatizada pela técnica, na qual “tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em documentos certos objetos” (CERTEAU, 1999, p. 81), na tentativa de compreender e analisar “em termos de produção localizáveis o material que cada método instaurou inicialmente seguindo seus métodos de pertinência” (CERTEAU, 1999, p. 65).

O método de pesquisa utilizado neste trabalho é a do tipo qualitativa, que ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que

envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais estabelecidas em diversos ambientes. Para subsidiar a pesquisa foi utilizada a entrevista que se trata de uma conversa entre entrevistador e entrevistado, com objetivo de obter informações importantes e compreender as perspectivas e experiências do entrevistado. É uma conversa feita face a face e que pode proporcionar a obtenção de informações necessárias ao bom resultado da pesquisa. Nas entrevistas o principal interesse é conhecer o significado que o entrevistado dá aos fatos ocorridos em sua vida, utilizando seus próprios termos por meio de entrevista abertas, dessa forma, elas ajudam a compor o universo das memórias individuais situadas no quadro de referência da memória de seus grupos sociais e de suas coletividades.

Para realizar o presente trabalho foram desenvolvidas entrevistas orais gravadas com sete moradores do povoado Tinguís (João Clemente, Eliza Pinto, Maria dos Anjos Santos, Maria de Fátima Bezerra da Silva, Lucimar Nunes, Lúcia Maria Vieira de Sousa) que por meio da Metodologia da História Oral retrataram acontecimentos importantes que ocorreram no povoado ao longo dos anos. As entrevistas foram semi-estruturadas abertas, pois essa ferramenta permite ao entrevistador conduzir os assuntos de forma adequada para alcançar os objetivos propostos no estudo específico de determinado grupo de pessoas.

Para a coleta de dados, as entrevistas foram realizadas nas residências atuais dos moradores (Coroa de São Remígio e Assentamento Josué de Castro), no período de Novembro de 2018. A análise dos dados obteve-se de forma ética respeitando as informações dos entrevistados, as quais se encontram distribuídas no contexto deste estudo.

A Metodologia da História Oral consiste numa ferramenta de pesquisa ao qual faz uso das entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história, nesse sentido, são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Caracteriza-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou conjuntura que se quer investigar.

Entende-se a História Oral como uma metodologia que possibilita a constituições de fontes, pois tem como fundamento o contato com pessoas que vivenciaram certos acontecimentos do passado, dos quais foram testemunhas. De modo que as experiências narradas pelos entrevistados possibilitam ao historiador aproximar-se do cotidiano dessas pessoas, sem contudo perder de vista que se trata de uma elaboração do entrevistado sobre sua própria experiência, marcada por uma carga de subjetividade, não se trata de um “retrato do passado” (ALBERTI, 2006. p. 170).

A história Oral é uma história constituída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados. [...] Ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época (THOMPSON, 2002. p. 44).

Conforme Alistair Thompson, a História Oral tem sido utilizada em estudos de temáticas diversas, trazendo contribuições significativas e inovadoras frente aos métodos tradicionais de pesquisa. Os pesquisadores que lançam mão de estudos sobre processos migratórios vêm utilizando intensamente os testemunhos orais em seus trabalhos. Eles buscam informações que não aparecem nos dados estatísticos e suas inúmeras tabelas quantitativas e seus interesses estão voltados para os processos pelos quais os migrantes se estabelecem em uma nova região, como estão inseridos no mercado de trabalho, de que maneira reconfiguram suas redes de sociabilidades e de que modo os estilos de vida trazidos do seu local de origem são modificados e recriados.

O presente estudo traz como referencial teórico autores que realizaram pesquisas que contemplam a temática sobre a memória e sua relação com a história e identidade de determinado grupo. Dentre eles encontram-se Eclésia Bosi (1994) que trata das lembranças de idosos; Manuel Castells (2003) que aborda em seu estudo sobre a identidade dos movimentos sociais, Michael Pollak(1992) e Joel Candau (2011) que tratam sobre a memória e identidade social e Thompson (2002) sobre história oral.

No presente estudo foram utilizadas informações contidas no Projeto Político Pedagógico (PPP) da Unidade Escolar Pedro Mariano de Freitas, situada no atual

Assentamento Josué de Castro, a qual anteriormente chamava-se Tinguis. Trata-se de uma importante fonte de pesquisa, pois contém informações sobre a história lutas e conquista dos moradores do povoado Tinguis. No contexto do estudo encontram-se imagens da cultura existente no povoado citado anteriormente que mostram a sua história e identidade social.

Para contemplar os objetivos propostos o trabalho foi dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo foram voltados para formação inicial do povoado Tinguis, os fatores históricos ocorridos no local e as características da sua população e suas manifestações culturais. No segundo foi enfatizado sobre o processo migratório dos moradores, a luta e identidade da população do povoado citado anteriormente e as mudanças significativas ocorridas no local ao longo dos anos.

2 GÊNESE: POVOADO TINGUIS

Neste capítulo será realizado uma análise sobre o povoado Tinguís, enfatizando sobre sua formação, os fatores históricos ocorridos no local, destacando a Balaiada, por se trata de um movimento histórico de grande importância dentro contexto nacional, estadual e municipal de Buriti dos Lopes-PI, dessa forma, buscou-se citar características singulares da população do Tinguís quanto às péssimas condições de vida na fazenda como arrendatários e também se mostrou as manifestações culturais da população que ainda permanecem no local.

O povoado Tinguís está localizado à aproximadamente 50 km da sede do município de Buriti dos Lopes-PI, e à 300 km da capital Teresina. De acordo com fontes orais entrevistadas para a realização deste trabalho, o povoado existe há mais de 200 anos, sendo os primeiros habitantes a povoar suas terras as famílias vindas do Ceará e das imediações do Cocal da Estação, Piauí, fugindo da seca que assolava o estado.

De acordo com estudos realizados por Manoel Domingos Neto e Geraldo Borges Almeida (1983) que tinha como objetivo analisar os elementos essenciais na configuração da “seca” numa perspectiva histórica, enfatizando aspectos econômicos, sociais, políticos e institucionais, percebeu-se que a ocupação de terras piauienses não estava ligada aos fatores internos, e sim aos fatores relacionados aos retirantes de outros estados.

Flagelados cearenses, paraibanos, pernambucanos e baianos, açoitados por terríveis secas, procuravam as terras piauienses. A fome, as epidemias, a mortandade, saques e banditismo acompanhavam os retirantes. A seca piauiense, indiscutivelmente, nessa época, não passava de uma crise transplantada. Suas causas eram puramente exógenas (DOMINGOS NETO; BORGES, 1983, p.47).

Assim, vieram para o estado do Piauí, muitas levas de retirantes que, periodicamente, passavam pelo estado em direção ao Maranhão, Pará e Amazonas. Entretanto, muitos não prosseguiram, pois estavam impossibilitados fisicamente pela fome e pelas moléstias, assim, decidiam ficar no Piauí, prestando serviços nas fazendas de gado em troca de alimentação e moradia.

Ao chegar ao povoado, às famílias desmataram o lugar e construíram as primeiras casas de taipa. Assim, ao se fixarem no local os moradores começaram a cultivar plantações de subsistência, nas quais o trabalho exercido por eles eram pagos em forma produtos agrícolas, pois não tinham dinheiro para pagar os trabalhadores.

Nesse contexto, surgiu o fazendeiro Antonio Tomaz Romão requerendo as terras, alegando que lhes pertenciam, dessa maneira, como as famílias não tinham em mãos documentos que provassem que as terras lhes pertenciam, se sujeitaram a trabalhar para o então fazendeiro em suas propriedades.

Segundo o senhor João Clemente Viera relata por meio de sua entrevista como se dava o contrato de exploração da terra entre o morador e o proprietário, assim, ressalta que “era humilhação, não podíamos criar animais, tudo que plantávamos éramos obrigados a dá a metade ou mais para o fazendeiro” (VIEIRA, 2018, p 2).

Entende-se, de acordo com a Historiadora Débora Silva Viana (2013) que existiam várias formas de contrato para exploração da terra, variando entre municípios e microrregiões. Era como se constituíam as relações de obrigações e contrapartidas do produtor para com o proprietário da terra. A única forma comum diz respeito à forma de pagamento, pois o produtor tinha de transferir para o proprietário parte da produção obtida com seu trabalho. Sendo assim, o proprietário é quem determinava a forma de pagamento, podendo ser em: meia, terça, quarta ou pagamento em folha. Por ocasião da colheita, quanto ao pagamento das obrigações, os proprietários exigiam os melhores produtos, principalmente os de fácil comercialização como arroz, feijão, e em menor intensidade o milho.

Visualiza-se, por meio dos escritos de Viana e Olavo Bacelar (1980) que predominou, e ou ainda predomina no Piauí à concentração de terras sob o domínio de grandes proprietários, formando imensos latifúndios e dificultando o acesso à terra aos pequenos produtores.

Segundo o senhor João Clemente a fazenda Tinguis foi passando sucessivamente para os fazendeiros, sendo alguns “bons” para os moradores, enquanto outros os subjugavam. Dentre os fazendeiros encontra-se o Dr. Mariano José de Sousa, médico oftalmologista de Parnaíba, que administrou a fazenda a pulso firme na época.

As relações com o proprietário/fazendeiro da terra era tensa, não somente pelo fato supracitado no parágrafo anterior, mas estava submetido à toda ordem de conflitos: as desavenças poderiam ser relacionadas à conflitos familiares, caso a filha do arrendatário tivesse algum relacionamento com o filho do proprietário, ou, em alguns casos, com ele mesmo; bem como a fatores de ordem política, como por exemplo, se os agregados resolvessem apoiar um candidato contrário ao do patrão nas eleições.

As formas de trabalho no povoado Tinguis estavam pautadas em estruturas rígidas de concentração de terra nas mãos de um pequeno número de latifundiários, dessa forma, possibilita que a mão de obra seja explorada pelos grandes proprietários. Esse processo exploratório no qual os arrendatários da fazenda Tinguis estavam inseridos era possibilitado, ainda, pela ausência de legislação e inexistência de registros escritos que permitissem ao agregado ou pequeno proprietário reivindicar melhorias.

Por meio da memória da senhora Maria Eliza Pinto de 89 anos, a vida no Tinguis era difícil, a falta de água no verão era grande e tinha que se deslocar para buscá-la bem distante, além dos desmandos do capataz da fazenda, o senhor João França que controlava até a criação de animais no Tinguis. Entende-se, de acordo com Pierre Nora (1993) que tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, já é história. A necessidade de memória é uma necessidade da história. Nesta perspectiva, existe uma estrita relação entre a memória e a história.

Corroborando com essa abordagem Janaina Amado diz:

História e memória, entretanto, mantêm tantas relações entre si, que é até difícil pensá-las separadamente: “recordar é viver”, como ensinava o antigo samba. A memória toma as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro, isto é: dessa capacidade da memória brota a consciência que nós, humanos, temos do tempo. Esta, por sua vez, permite-nos compreender e combinar, de muitos modos, as fases em que dividimos o tempo, possibilitando-nos, por exemplo, perceber “o passado diante de nós”. (AMADO, 1995, p.132).

Na concepção de Regina Saraiva (2010) a memória é o campo de atuação da história. Sendo assim, por meio dos relatos históricos das pessoas da comunidade é possível registrar no papel a memória e a história a partir das vivências adquiridas dos nossos antepassados até os dias atuais.

Ao buscar o passado, são trazidas memórias de um tempo que revela quem somos e revela nossas experiências. Nesse sentido, a memória em relação à história nos salva do esquecimento e da perda, ela retém e preserva, transforma o passado em coisa viva, arraigada de experiências que revelam as ações dos sujeitos na história. Neste ínterim, todos já ouvimos dizer que “um homem sem memória, é um homem sem passado” (SARAIVA, 2010, p 21).

A senhora Maria Eliza Pinto via na relação entre arrendatário e proprietário e nas imposições deste, uma relação de humilhação ao proibir a criação de animais dentro da fazenda, este fato passou despercebido nas entrevistas dos demais moradores.

Segundo Michel Pollak a memória é uma particularidade de cada pessoa a qual permite que as experiências vivenciadas ao longo da vida permaneçam preservadas. Nesse contexto, “A memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”, mas para o autor “a memória deve, também, ser entendida como um fenômeno coletivo e social construído coletivamente, e submetido à transformação, flutuações e mudanças.” (POLLAK, 1992, p. 5).

2.1 Fatores históricos do povoado Tinguís

O povoado Tinguís foi palco de uma das Revoltas populares mais conhecidas da História do país, a Balaiada, que aconteceu nos Estados do Piauí, Maranhão e Ceará no final de 1838 a 1841, quando o ex-escravo Raimundo Gomes Vieira, “o Cara Preta”, liderou um grupo de vaqueiros com o objetivo de libertar seu irmão e outros amigos que se encontram na cadeia da Vila da Manga - MA (1938), os quais tinham sido presos pelas tropas do governo a alguns dias, sendo obrigados à prestarem serviço militar, pois na época somente era obrigados a prestar serviço militar os filhos de nobres.

Manuel Francisco dos Anjos, o “Balaio”, era um modesto fabricante de cestos feitos da palha de babaçu ou buriti se uniu ao grupo de revoltosos, daí o nome do

movimento se chamar Balaio. A poluição pobre e excluída já não suportava mais os desmandos dos coronéis e as leis impostas pelo governo que só beneficiavam os ricos. A historiadora Claudete Maria Miranda Dias aponta algumas características da Balaiada:

Existiam de um lado grandes proprietários de terra e de outro escravos e pequenos fazendeiros (mestiços, mulatos, sertanejos, índios e negros) sem direito à cidadania e acesso à propriedade da terra, dominados e explorados por governos clientelistas e autoritários formados pelas oligarquias locais que ascenderam ao poder político com a “proclamação da independência” do país (DIAS, 1995, p 73).

Claudete Dias ao se referir sobre a Balaiada no Piauí diz:

A Balaiada foi um movimento que se estendeu por quase toda a província do Piauí, tanto no que se refere aos balaios, quanto às forças da repressão, envolvendo quase a totalidade de seus municípios, como Parnaíba, Piracuruca, Campo Maior, Jerumenha e Paranaguá, além das margens e vales dos principais rios (Parnaíba, Poty, Canindé, Gurgéia) e interior das matas, ocupados pelos rebeldes balaios, ou seja, os vaqueiros, artesãos, lavradores os fazendeiros, escravos, índios, mestiços e caboclos. Eles pegaram em armas e conduziram a Balaiada contra as arbitrariedades do Barão da Parnaíba que governava o Piauí desde 1823 de forma autoritária e clientelista. Este constitui um dos principais motivos que levaram os setores populares a participarem da Balaiada no Piauí e se unirem aos balaios do Maranhão. (DIAS, 1995, p .74).

Dias (1995) também ressalta que os líderes da Balaiada atuaram nas províncias do Maranhão e Piauí, onde se deslocavam de uma parte para outra usando táticas de guerrilhas de maneira simultânea e atacavam às fazendas libertando escravos das fazendas. A área de atuação tem características iguais que eram os vales dos rios, interior das matas, as reivindicações também se assemelhavam, bem como a repressão que sofriam eram as mesmas por parte das oligarquias que agiam unidas.

No ano de 1839 os “balaios” atravessaram o rio Parnaíba e entraram no Piauí que na época era governado pelo Visconde de Parnaíba, Manoel de Sousa Martins. Aos 90 anos de idade o Sr. Ângelo Antônio Lopes estava na sua fazenda Tinguís, trabalhando em uma farinhada quando foi surpreendido por um grupo de rebeldes

balaios. Apesar da idade avançada, procurou reagir, mas foi rendido pelos rebeldes que o assassinaram barbaramente obrigando-o a comer farinha quente até a morte.

Há indícios de que Ângelo era demasiadamente severo aos escravos da época que moravam na fazenda Tinguís e um dos castigos que ele utilizava era fazer os mesmos comerem farinha quente. Então, como vingança os escravos fugidos junto aos balaios teriam feito tal ato. Isso decorreu da junção força mista de cavalaria e infantaria no dia 31 de janeiro de 1839, sob o comando do prefeito de Parnaíba tenente-coronel José Francisco de Miranda Osório, que atacou subitamente o grupo de balaios que se encontravam na comunidade Barra do Longá também pertencente ao Município de Buriti dos Lopes-PI. Depois de uma fraca resistência, o grupo de rebeldes debandou desordenadamente deixando em poder dos legalistas dezoito (18) prisioneiros, seis (06) mortos, um (01) ferido, vinte (20) cavalgadas, vinte e uma (21) armas e toda a bagagem.

Em Buriti dos Lopes sob o comando do Coronel Mariano Castelo Branco, ficou estacionado uma força contra qualquer tentativa dos rebeldes até o fim da guerra dos “balaios”. Segundo Odilon Nunes em “Pesquisas para a História do Piauí” os Balaios chegaram em Buriti dos Lopes, na localidade Barra do Longá, no dia trinta e um (31) de janeiro de 1839 e foram combatidos pelas tropas vindas da cidade de Parnaíba, comandadas por Miranda Osório.

Nunes (1995) faz menção de documentos do acervo público do estado e relata que no dia 07 de maio de 1839 os buritienses foram convocados para reforçar o contingente militar contra os Balaios, ressalta ainda que aqui foi realizada uma reunião com a participação de duzentos (200) homens de nosso povoado, e que o tenente encarregado da reunião encontrou repugnância geral do povo, que muitos proclamavam preferir apoiar e ficar do lado dos revoltosos.

2.2 Características da população do povoado

A população que constituía o povoado Tinguís possuía certo parentesco e viviam da agricultura de subsistência, povo simples, que enfrentou muitas dificuldades sociais e econômicas. Sofreram repressão de determinados fazendeiros da antiga fazenda

Tinguis e trabalhavam muito na lavoura, além de não ficarem com quase nada. O senhor Lucimar José Nunes (2018) em sua fala disse: “Era uma humilhação, pois para se trabalhar nas terras para sobreviver éramos obrigados a pagar a renda ao proprietário, a metade, muitas vezes chegando a 75% do que era produzido”. O acordo imposto pelo proprietário era das famílias repassarem metade de tudo que produziam.

No povoado não havia comércio, havendo a necessidade de se deslocarem para outras localidades distantes. A água que utilizavam para beber era tirada do Rio Longá, na qual os mesmos faziam um longo percurso para buscá-la transportando sobre a cabeça em cabaças.

Para Michael Pollak (1992) a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva. Por meio da memória os entrevistados constroem e ou ‘reconstroem’ sua identidade pessoal, permitindo conhecer a si mesmo e aos outros.

Essa ideia corrobora com a reflexão de Janaina Amado sobre memória e identidade, a autora diz:

Memória e história conjugam-se também para conferir identidade a quem recorda. Cada ser humano pode ser identificado pelo conjunto de suas memórias; embora estas sejam sempre sociais, um determinado conjunto de memórias só pode pertencer a uma única pessoa. Somente a memória possui as faculdades de separar o eu dos outros, de recuperar acontecimentos, pessoas, tempos, relações e sentimentos, e de conferir-lhes significados; por isso, sua ausência, a amnésia, necessariamente conduz à perda de identidade. (AMADO, 1995, p.132).

Para Joel Candau a “memória é a identidade em ação”(CANDAU, 2011, p.18), assim, ao passo que recordam acontecimentos do passado, os moradores do Tinguis restituem sua própria identidade, tanto no nível individual quanto coletivo.

A identidade está inserida dentro de um processo contínuo e altera-se permanente. Para Candau

A memória é, assim, um dos pilares em que se funda a identidade. Por isso, todo ato memorial apresenta intenções identitárias, na medida em que conferir um sentido atual ao passado, pautado pelas preocupações do presente, é necessariamente um trabalho de revisão crítica do passado e de si mesmo: “não existe um verdadeiro ato de memória que

não esteja ancorado nos desafios identitários presentes” (CANDAU, 2011, p. 150).

O autor supracitado trata da identidade como uma construção individual e defende que “os atos memoriais, de evocação e de restauração do passado em geral, constituem um trabalho de reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação a seu passado para sua própria individualidade” (CANDAU, 2011, p. 9).

2.3 Manifestações culturais do povoado Tinguís

Conforme o conceito antropológico, cultura refere-se à personalidade e à vida social do indivíduo. Equivale à forma como as pessoas buscam interagir com meio em que vivem. Segundo Roberto Da Matta “cultura não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de civilização, mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa” (DA MATTA, 1998, p.123).

De acordo com os entrevistados (João Clemente, Eliza Pinto, Maria dos Anjos dos Santos, Maria de Fatima Bezerra da Silva, Lucimar Nunes, Lúcia Maria Vieira de Sousa) as manifestações culturais que existiam no povoado Tinguís estavam sempre relacionadas às questões religiosas, como no caso dos festejos da Nossa Senhora dos Milagres.

A senhora Maria dos Anjos dos Santos descreveu como acontecia o evento: “O festejo da Nossa Senhora dos Milagres era muito animado no povoado, vinham pessoas de muitos lugares, os músicos vinham da cidade de Buriti dos Lopes, não tinha energia elétrica, mas a festa era muito animada, tinha missa, barracas e danças” (SANTOS, 2018, p 2).

Eclésia Bosi relaciona o fato narrado pela senhora Maria dos Anjos no parágrafo anterior à memória pessoal e também social familiar e grupal. A autora defende que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado” (BOSI, 1994, p 47).

Nesta perspectiva, ao passo que as pessoas se lembram de acontecimentos, elas conseguem trazer suas experiências para o presente, possibilitando identificar sua identidade pessoal.

Débora Silva Viana (2013) caracteriza as festas comunitárias como aquelas que abrem espaço no interior da sociedade para uma participação ativa e representa uma forma privilegiada de lazer, pois além do clima de descontração se cria um espaço essencial para fortalecer e nutrir as redes de relações sociais, sendo caracterizada pela historiadora como um momento de criatividade, convivialidade e fortalecimento.

Com o passar dos anos o festejo aos poucos foi diminuindo a quantidade de pessoas devido aos fatores ligados a terra. No entanto, o festejo, ainda, permanece na localidade, refletindo a identidade cultural dos moradores como uma forma de lazer e religiosidade nos quais são vivenciadas as raízes culturais do passado.

Imagem 01- Procissão da Nossa Senhora dos Milagres



Fonte: Portal da Coroa. Maio.2002/.in :// <https://portaldacoroa.blogspot.com/>

Ao observar a imagem de número um, encontrada no Portal da Coroa, é possível visualizar e talvez medir a importância do acontecimento pela quantidade de devotos e outros elementos – como as bandeirinhas nas cores rosa e azul, na mãos de alguns fiéis.

Neste sentido, segundo Boris Kossoy

A fotografia funciona em nossas mentes, como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de um determinado tempo, absolutamente congelado contra a mancha do tempo. Os momentos vividos são únicos irreversíveis, daí a importância da fotografia como tentativa de registrar o passado (KOSSOY, 1996, p. 81).

O Escritor, historiador e poeta H. Dobal, em sua crônica *As Igrejas* aponta que estas e suas práticas constituem-se locais de sociabilidade de lazer

...diz-se que nas cidades pequenas a única saída para o mistério é a missa católica. ... Na vida da cidade, sem missa, o domingo não seria completo. As novenas constituem, além de um ato religioso, um divertimento. São acompanhadas de quermesses, leilões, onde se arrematam prendas, caixinhas de segredo, e onde se travam verdadeiras batalhas entre os arrematantes, que disputam a glória do último lance. As procissões, muito concorridas, revelam aspecto da cidade que, habitualmente não aparecem. Por exemplo: revelam a multidão, gente de todas as classes e de todos os pecados. Tem-se a impressão, às vezes, de que há pessoas, na cidade, que só deixam a sua reclusão para vir às procissões. Vêm para cumprir promessas e tem modos esquisitos de cumpri-las... (VIANA apud DOBAL, 2013, p. 246).

Em análise feita por Viana, o escritor H. Dobal mostra por meio de sua crônica a relevância das igrejas na vida social, “tanto como espaço de manifestação de fé quanto como lugar que proporciona lazer dominical” (VIANA, 2013, p. 246). Assim, ainda de acordo com a historiadora, percebe-se que toda paróquia e comunidade têm seu santo devocional e protetor e nos nove dias que antecedem o dia deste santo, as igrejas promovem festas que têm dois momentos: um religioso, geralmente com a reza do terço e a missa, e outro profano, uma festa com barracas vendendo comidas bebidas e lembranças daquele momento religioso.

No Brasil o catolicismo é a religião predominante, assim as festas aos padroeiros e santos fazem parte do cotidiano das pessoas. “As celebrações sagradas dão instrumentação para identificar nesses eventos uma vivência do religioso incorporado ao cultural, possibilitando, muitas vezes, a recuperação da própria identidade”. (MARTINS & LEITE, 2006, p, 105). Como tão bem demonstra a imagem intitulada de encenação da Via Sacra pelos moradores.

Imagem 02 - Encenação da via sacra pelos moradores



Fonte: Arquivo pessoal de Luciano Bilha. Março. 2018.

Entende-se que a imagem dois (02) é uma representação de uma realidade que já aconteceu, mas como adotamos um calendário cíclico ela precisa ser revivida como forma de educação religiosa e de lembrar a história, ou seja, o passado. Nesse sentido Sandra Jathay Pesavento aponta que:

As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e do produtor, tendo como referente a realidade, tal como, no caso do discurso, o texto é mediador entre o mundo da leitura e o da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representações do mundo que constituem o imaginário (PESAVENTO, 2003, p. 86).

A roda de cantoria era também, outra manifestação cultural do povoado, que consistia em roda de moradores que se juntavam na frente das casas e cantavam “emboladas” que consistiam em canções ritmadas, nas quais o cantador envolvia várias situações do dia a dia.

Atualmente as manifestações culturais estão ligadas a Escola Pedro Mariano de Freitas que promovem eventos envolvendo todo o povoado e localidades vizinhas. A imagem de número sintetiza o que escrito neste parágrafo

Imagem 03 - Semana cultural da Escola Pedro Mariano de Freitas



Fonte: Arquivo pessoal de Luciano Bilha. Junho/2018.

Uma das festas realizadas anualmente é a festa junina que se refere a um evento que visa manter as tradições do povo, incentivando os jovens a manter viva a cultura dos antepassados, por meio das danças de quadrilhas e comidas típicas regional. Com ajuda de Janaina Amado pode-se dizer que:

A memória, que aproxima muito da história, é sua capacidade de associar vivências individuais não experimentadas diretamente pelos individuais e grupais com vivências dos outros, das quais nos aproximamos, tornando-as nossas também, por meio de conversas, leituras, filmes, histórias, músicas, pinturas, fotografias [...] Nossas memórias são formadas de episódios e sensações que vivemos e que outros viveram (AMADO, 1995, p.132).

Levando em conta o que diz Janaina Amado, pode-se perceber que por meio da memória é possível resgatar um passado a partir das lembranças de pessoas que de fato viveram este passado. As lembranças representam o resultado de um encontro, no qual as experiências de uma geração anterior são repassadas para outra, permitindo

desta forma a continuidade da história de determinado povo, mostrando à história de cada indivíduo em suas particularidades trazendo a torna à memória do grupo social a qual pertence.

Portanto, a história e memória permitem conhecer as vivências culturais de determinado grupo, tanto individual quanto coletiva, mostrando as suas variadas formas de manifestações culturais, criando um espaço de sociabilidade.

Assim, em relação às festividades do povoado Tinguis, pode-se com ajuda de Halbwachs considerá-las coletiva. A memória de um indivíduo é algo particular de cada pessoa, as lembranças ficam guardadas, e somente serão usadas quando necessária. No entanto, ao se relacionar com as lembranças dos outros indivíduos, a memória torna-se coletiva. De acordo com Maurice Halbwachs (2006) a memória coletiva vem carregada de significados e histórias para determinado grupo e contribui para a construção social do mesmo. Halbwachs ao tratar da memória coletiva diz:

Conceder-nos-ão, talvez, que um grande número de lembranças reaparece porque nos são recordadas por outros homens; conceder-nos-ão mesmo que, quando esses homens não estão materialmente presentes, se possa falar de memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos; e que considerávamos ainda agora, no momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo [...] (HALBWACHS, 1990, p 36).

As memórias individuais, portanto, resultaram nas vivências e experiências pessoais de cada indivíduo que se relacionaram nas experiências coletivas da comunidade a qual faz parte.

3 PROCESSO MIGRATÓRIO DOS MORADORES DO POVOADO TINGUIS

No presente capítulo será abordada a migração dos moradores do povoado Tinguís, a organização, o retorno e luta dos moradores pela posse da terra que influenciará na configuração identitária dos Tinguís. Além de destacar as mudanças e melhorias na vida dos moradores da localidade, alcançada com a elevação a categoria de Assentamento Josué de Castro. Esta discussão pode ser visualizada nos subcapítulos que compõe este capítulo.

Os moradores do povoado Tinguís ao longo dos anos migraram para outras localidades e para a sede do município de Buriti dos Lopes devido os sofrimentos enfrentados pelos moradores associados a fatores sociais como falta de água para beber e realizar as atividades necessárias, além da falta de comércio, transporte e escola na localidade.

Nas décadas de 1980 e 1990 aumentou a perseguição por parte do proprietário das terras Mariano José e muitos moradores saíram do povoado. Em 1980 os moradores passaram a ficar cada vez mais insatisfeitos com os desmandos do fazendeiro, questionando sobre a situação que vivia. Então o fazendeiro aumentou perseguição aos moradores expulsando e até mandando prender, assim, umas quinze famílias saíram do povoado Tinguís, ficando apenas cinco famílias no local.

No entanto, diante das intimidações sofridas, algumas famílias começaram a se organizar e agir silenciosamente para permanecerem no Povoado de forma mais justa. Em 1993 foi enviado para Brasília o primeiro “abaixo-assinado” no qual a comunidade solicitava das autoridades competentes uma solução para tal situação. Contudo, nunca obtiveram resposta. Sem resposta na primeira tentativa, em 1996 as famílias enviaram cartas ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Buriti dos Lopes (STR), pedindo ajuda na questão. Na época o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) mantinha uma estreita relação com o proprietário da fazenda.

Assim, além de não colaborar com as famílias, ainda repassava as informações para o fazendeiro, que por sua vez passava a perseguir e humilhar essas famílias que ousavam lutar por melhores condições de vida. Mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas pelas famílias, nunca desistiram de lutar pela sua autonomia.

Dessa forma, em 2001 uma comissão formada por aproximadamente quatro (04) pessoas se deslocaram até Teresina para buscar ajuda de determinadas entidades. Foram à sede da Federação dos Trabalhadores Agricultores (FETAG), não obtendo o apoio necessário, dirigiram-se ao Instituto Nacional da Reforma Agrária (INCRA), onde receberam apoio do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e da Comissão Pastoral da Terra (CPT), entidades que lutam pela reforma agrária. As referidas entidades tomando conhecimento da situação sofrida pelos moradores do Tinguis se solidarizaram buscando meios para solucionar o problema. Enviaram representantes até a cidade de Buriti dos Lopes, se reunindo tanto com famílias que ainda permaneciam no então povoado, quanto com as demais que tinham migrado para outras localidades do município.

Os representantes do MST orientaram os moradores a se organizar para conquistar as terras da fazenda Tinguis de forma legal, para formar um Assentamento no povoado, terras ocupadas na época pelo Dr. Mariano Lucas.

De acordo com Bernardo Mançano Fernandes (2012) os assentamentos são meios utilizados através de movimentos sociais que se organizam e lutam pelos seus direitos civis presentes na constituição brasileira para ganhar um pedaço de terra. Através da conquista da terra se dá a construção do território no campo, onde as famílias podem trabalhar.

Conforme Sérgio Pereira Leite (2012), a questão emergencial dos assentamentos rurais no cenário da reforma agrária brasileira é um dos fatos marcantes que caracterizam especialmente o período que vai da década de 1980 até os dias atuais. Com criação dos assentamentos, ganham destaque também os seus sujeitos diretos, isto é, os trabalhadores rurais, bem como os movimentos e as organizações que de certa forma, por meio de seus ideais, garantiram o apoio necessário para que o esforço exercido ao longo de lutas das mais diversas resultasse na constituição de projetos de Reforma Agrária, também conhecidos como assentamentos rurais.

Seguindo as orientações do MST os moradores que tinham saído do povoado resolveram retornar juntando-se com os que permaneciam no povoado e lutar por dias melhores. O Senhor João Clemente relata esses acontecimentos:

No dia vinte e seis de Maio 2002, ocupamos a sede da Fazenda, e depois de dezoito dias, recebemos a liminar do Juiz da época, para desocuparmos as terras e fomos obrigados a sair, acreditando que voltaríamos. Nos acampamos em uma localidade próxima ao Tinguís, o povoado Salgado ao qual ficamos abrigados por sete meses, foi um período difícil, sofremos muitas discriminação. O dono da Fazenda Tinguís mandou queimar as casas dos moradores para que não pudessem mais como voltar, pois judicialmente ficou determinado que os moradores que tinham plantações no povoado poderiam colher sua safra. (VIEIRA, 2018, p .3).

Depois de tantas lutas, os moradores receberam a ordem judicial para que voltassem para o povoado Tinguís, especificamente no dia vinte e quatro de dezembro de 2003. Só que desta vez como proprietários da terra, assim, houve muita comemoração por parte dos que lutavam pelas terras da fazenda Tinguís.

3.1 Luta e identidade: a construção da identidade pelo movimento social

Ao conhecer todo este processo de luta: migração para Buriti dos Lopes diante da perseguição dos proprietários ao povo de Tinguís, engajamento, organização em ir buscar em entidade o apoio para ter direito a terra, fica visível os elementos definidores do movimento social e a presença da identidade coletiva.

Manuel Castells (2003) em estudo sobre a identidade dos movimentos sociais, caracteriza-os como ações coletivas com um determinado fim e articulados em relação à construção de identidade. Esta, na concepção do autor, é uma fonte de significados e experiência de um povo. Nesse sentido, a identidade dos Tinguís é uma construção, desde sua chegada a fazenda até o dia que resolveram resistir e lutar pelo direito a uma vida digna, sendo que uma construção não tem um caráter essencial, mas sim contextual, histórico, específico e dinâmico.

A construção da identidade, para Castells, tem como matéria-prima elementos da história, da biologia, da memória coletiva, etc. No entanto:

...todos estes materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedade que reorganizam seu significado em funções de tendências sociais e projetos culturais enraizados na sua estrutura social bem como na sua visão de tempo/espaço. Coloco aqui a hipótese, quem em linhas gerais, quem e para quem se constrói a identidade coletiva são

em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, e do seu significado para aqueles que com ela se identificam (CASTELLS, 2003, p.97).

Segundo Castells, existem três formas de origem e construção da identidade: a Identidade Legitimadora, a Identidade de Resistência e a Identidade de Projeto. A primeira é definida pela tentativa das instituições dominantes de expandir sua dominação em relação aos outros entes sociais. A Segunda forma de construção da identidade, Identidade de Resistência, é definida na construção pelos atores subalternos, de 'trincheiras' de resistência contra o poder dominante. E finalmente, a Identidade de Projeto é uma tentativa dos atores sociais, lançando mão de qualquer tipo de material cultural, de construir uma nova identidade capaz de redefinir sua situação na sociedade e assim transformar toda a estrutura social.

Por meio dos ensinamentos de Castells, percebe-se que a formação da identidade do povoado Tinguis começou pela Identidade de Resistência, ou seja, vieram de outras cidades do Estado do Piauí e do Ceará em busca de melhores condições de vida, de terra para plantar e criar animais e para construir a tão sonhada casa e aqui se depararam com uma situação de exploração. Neste contexto, se tem a primeira etapa para formação da identidade que é resistir e permanecer no lugar e se organizar para ter a posse da terra e de condições dignas de sobrevivência. É justamente em todo este processo que se tem a passagem da identidade de resistência para Identidade de Projeto.

É na identidade de projeto que se tem a construção de sujeitos, que não são indivíduos, mesmo quando são constituídos de indivíduos. Os sujeitos são, para Castells, formados pelo desejo de construir ou de atribuir significado, de criar uma história pessoal, num projeto de vida diferente.

De acordo com Maria da Glória Gohn (1997) o papel do movimento social, da luta, é retratado como elemento fundamental para constituição do grupo. Assim o movimento social, no pensamento de Gohn, tem a:

...tendência de construir, identifica e poder interrogar sua própria identidade. Os próprios atores coletivos são criados no curso da atividades, eles se constituem a partir dos atributos que escolhem e incorporam como sendo os melhores para definir suas ações. O ator

individual transforma-se em membro de um ato coletivo no processo de ação coletiva, ganha identidade nova, que não é só sua, mas ganha experiência enquanto parte do coletivo (GOHN, 1997, p.198).

Perceba que a idéia defendida por Gohn se aproxima dos pontos assinalados da construção do sujeito por Castells. Entende-se que a construção da identidade é fruto de uma aprendizagem, ou seja, de uma autorreflexão sobre as vivências e a *práxis* do grupo.

Toda esta discussão que a identidade do povo Tinguís foi se constituindo do que era vivenciado, pelos autores supracitados, nos conduz ao conceito de experiência de Edward Palmer Thompson (1981). A experiência histórica e cultural acumulada pelos atores no processo de luta de classes desencadeia um processo de reflexão pessoal e do grupo.

De acordo com Thompson os arrendatários de Tinguís só se tornaram sujeitos através da experiência, vivendo as relações de produção como antagonismos. Nesse sentido, não apenas se assimila a experiência, mas ela é construída intimamente no processo de luta social.

Fundamentada nos autores com quem se dialogou no decorrer deste trabalho de conclusão de curso, acredita-se que classe e a identidade se formam nessa luta, na *práxis*, pelo processo vivido, pelos registros e pelas memórias formadas através dessa vivência. A consciência vai se formando na luta, assim foi o legado metodológico de Thompson que nos remete a necessidade de observar o cotidiano das camadas populares, principalmente em suas relações, principalmente nas que estão ligadas à carência e os sentimentos de exclusão e injustiças.

Por fim, uma releitura para além do que está transcrito nas diferentes obras e idéias supracitadas, os autores salientam que existem diferentes projetos de cidadania e de democracia. Os movimentos sociais, em muitos casos, criam ou tentam criar alternativas em relação ao projeto neoliberal, que está centrado num individualismo de desenvolvimento pessoal e de lógica de mercado, gerador de despolitização das bases. Essa postura, para eles, tem consequências importantes para a constituição organizacional e cultural do movimento do povoado Tinguís em busca da posse da terra e de uma vida digna.

Nesse sentido, a memória é fundamental, pois é um elemento importante na construção da identidade é um dos atributos em crescente transformação na modernidade.

3.2 Assentamento Josué de Castro: Mudanças significativas ocorridas no povoado no Tinguís

As mudanças no povoado Tinguís começaram a partir de dezembro de 2003, quando então povoado passou a se chamar Josué de Castro, em homenagem ao pernambucano, médico, geógrafo, sociólogo e político que ergueu a bandeira da luta contra a fome no Brasil, que estudou a fundo as causas da fome e da miséria e abordou acerca da concentração da terra e das riquezas, em fim, lutava contra a exploração humana e as injustiças sociais.

Desde a conquista da terra, as coisas mudaram no então povoado, que mesmo mudando seu nome no papel, ou seja, no registro de posse, o nome Tinguís permanece vivo nas lembranças dos moradores tanto dos antigos como dos seus descendentes, sendo que a memória é carregada de história boa e outras ruins. Segundo Ecléia Bosi (1994) através da memória, não só o passado emerge, misturando-se com as percepções sobre o presente, como também desloca esse conjunto de impressões construídas pela interação do presente com o passado que passam a ocupar todo espaço da consciência, ou seja, não existe presente sem passado, nossas visões e comportamentos estão marcados, pela memória, por eventos e situações vividas.

O senhor Lucimar Nunes com extrema satisfação diz: “As mudanças mais importantes é que podemos ter nossas próprias plantações sem precisar pagar renda injusta para proprietário da terra; a energia, o abastecimento de água trouxe muitos benefícios para a população” (NUNES, 2018, p. 3).

Outra mudança significativa foi a construção da Unidade Escolar Pedro mariano de Freitas em 2005, legalizada em 2008 pela portaria ¹GSM/nº052/2008 de 29 de Janeiro. É uma instituição vinculada à Secretaria Estadual de Educação do Piauí,

¹ PPP: PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escolar estadual Pedro Mariano de Freitas. Implantação 12/2013 Revisado em 2018. Assentamento Josué de Castro -PI

considerada uma escola do Campo, que se desenvolve conforme o movimento da Educação do Campo, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses, ofertando vagas para o Ensino médio do 1º ao 3º ano tanto para alunos do assentamento quanto para as localidades próximas: Salgado, Olho d'água, Nova Morada, Coroa de São Remígio e Passagem das Canoas, beneficiando vários alunos.

Como escola do campo, busca valorizar o conhecimento empírico existente nas comunidades, servindo como alicerce para o repasse do conhecimento em sala de aula, além de inserir também no dia a dia da escola os valores de respeito, partilha solidariedade e coletividades vivenciadas e defendidas pelas comunidades rurais que compõem a comunidade escolar.

À modalidade de escolas do/no campo por está situada no campo e atendendo o público de Assentamentos da Reforma Agrária: agricultores familiares e pescadores, conforme ²decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010.

Para os efeitos deste Decreto, entende-se por:

I - populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzem suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural.

Segundo Benjamim e Caldart, (2000), a escola do campo é resultado da luta dos trabalhadores, considerando que não é necessário ter somente acesso à terra, mas é preciso que as escolas também cheguem até o campo, para que os filhos dos agricultores tenham acesso a uma educação de qualidade.

Em 2009 também foi construído o Centro de Educação Infantil e Fundamental Padre Oney Braga de Sousa, pertencente à rede municipal de educação de Buriti dos Lopes, atendendo as crianças da localidade. Para antigos moradores do Tinguis essas escolas são de grande importância, pois eles não tiveram a oportunidade para estudar, sendo a maioria de baixa escolaridade. A senhora Lúcia Sousa com simplicidade diz:

² PPP: PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escolar estadual Pedro Mariano de Freitas. Implantação 12/2013 Revisado em 2018. Assentamento Josué de Castro -PI

Tempos atrás não tinha como estudar, tinha uma determinada professora que se dedicou a dá aula para as crianças no Tinguís, em casa coberta de palha e cheia de crianças, ensinava manhã e tarde, até que desistiu e foi embora (SOUSA, 2018, p.3).

Antiga fazenda Tinguís, ainda, permanece sendo mantida pelos moradores como sede de reuniões da Associação de moradores local, onde também guardam a safra. Constantemente serve de visitas de estudantes do nível Fundamental, Médio e Superior de diversas Instituições de Ensino tanto público quanto particular, professores, historiadores, arqueólogos e demais visitantes, com objetivo de conhecer o lugar histórico.

Pierre Nora (1993) destaca que são esses lugares que detêm a memória e que mediam a relação do homem com seu passado, como se a memória não fosse recurso suficiente para promover uma conexão direta entre presente e passado. É necessário algum meio material onde alojar a memória, as lembranças, por isso “os lugares de memória são, antes de tudo, restos” Em razão disso, Pierre Nora entende que os lugares de memória desvirtuam a memória e a tornam história, pois “desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história”. (NORA, 1993, p. 15).

Regina Saraiva (2010) diz que ao buscar o passado são trazidas memórias de um tempo que revela quem somos e revela nossas experiências. A memória, em sua relação com a história nos salva do esquecimento e da perda.

De acordo com Nora “os lugares de memórias, são antes de tudo restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que chama, porque ela a ignora” (NORA, 1993, p.12).

Quanto às manifestações culturais no Assentamento Josué de Castro constituem basicamente na comemoração da data da ocupação da terra dia 26 de Maio, com objetivos de manter a história do local, nas quais são realizadas a alvorada na madrugada, em que os moradores fazem o percurso que trilharam nas lutas pela terras da fazenda Tinguís, manifestações religiosas, vaquejada, partidas de futebol, partilha do bolo, festa e apresentação do grupo SKY BLACK. O grupo citado é constituído de jovens e adolescentes que moram no Assentamento Josué de Castro que realizam danças coreografadas, tendo como coreógrafo Roney Barbosa que se apresentam

tanto no povoado quanto em outras cidades do Piauí e outros Estados. As demais manifestações culturais são promovidas pela Unidade Escolar Pedro Mariano de Freitas (Festa Junina, semana cultural, gincanas) que envolvem as regiões próximas ao Assentamento Josué de Castro.

Imagem 04 – Aniversário do Assentamento Josué de Castro



Fonte: Arquivo pessoal de Luciano Bilha. Maio/2018

Imagem 05 – Grupo de Dança Sky Black



Fonte: Arquivo pessoal de Roney. Novembro/2016

Na imagem de número quatro e cinco percebe-se o assento Josué de Castro registrando sua história numa linguagem de imagens. Estas permitem a presentificação do passado. Mauad nos ensina que a imagem “não é apenas documento, mas também, monumento e, como toda a fonte histórica, deve passar pelos trâmites das críticas externa e interna) (MAUAD, 1996, p. 94).

A fazenda Tinguís atualmente serve como Sede da Associação de Trabalhadores Rurais do Assentamento Josué de Castro (ATRAJOC), onde funcionam as reuniões, assembleias, hospedagem de visitantes e armazenamento da produção dos assentados. A maioria das famílias do Assentamento é proveniente do antigo Tinguís, das regiões vizinhas e da sede do Município de Buriti dos Lopes, no total de 80 famílias que vivem do cultivo do arroz, mandioca, feijão e milho nas terras que hoje lhes pertencem.

Imagem 06 – Fazenda Tinguís



Fonte: Arquivo pessoal de Luciano Bilhar. Julho/2018

Por fim, entende-se que conhecer a história de gênese, de lutas e conquistas como foi a trilhada pelo povoado Tinguís, atual Assentamento Josué de Castro permite conhecer nossa própria história. Para Ecléia Bosi (1994), através da memória, não só o passado emerge, misturando-se com as percepções sobre o presente, como também

desloca esse conjunto de impressões construídas pela interação do presente com o passado que passam a ocupar todo espaço da consciência.

CONCLUSÃO

O presente trabalho traz reflexões sobre memória individual, coletiva e identidade social, dessa forma, como área de estudo foi escolhido o povoado Tinguís, que tem importância histórica dentro do contexto da história do Município de Buriti dos Lopes-PI. Ao recordar os acontecimentos do passado permitiu conhecer a formação do povoado, seus costumes, cultura e a identidade social que diante das dificuldades enfrentadas, persistiu em lutar por melhores condições de vida, valorizando a terra como meio de obter recursos necessários para sua sobrevivência e de seus familiares.

A Metodologia da História Oral é uma ferramenta que coloca indivíduos como sujeitos da sua própria história, pois diante dos relatos é que as histórias passam a ser registradas por meio da linguagem escrita. Daí a importância de se registrar os acontecimentos ocorridos no povoado Tinguís, para subsidiar estudos posteriores que tratem da memória e identidade deste povoado, haja vista que o nome foi substituído por Assentamento Josué de Castro, a qual foi uma conquista histórica dos moradores por meio do sistema da Reforma Agrária brasileira.

As memórias mostraram como as pessoas construíram suas identidades, como também como tiveram seu próprio pedaço da terra, não tinham uma concepção do coletivo, foram construindo identidades de resistência no processo de formação do assentamento, tendo como motivação primária a terra, para poder deixar de sofrer os desmandos do dono da fazenda Tinguís, ficando evidenciada a satisfação das mudanças ocorridas no povoado, tornando a vida mais digna. De acordo com Saraiva (2010) ao se buscar o passado, são trazidas memórias de um tempo que revela quem somos e revela nossas experiências. A memória, em relação com a história nos salva do esquecimento e da perda.

Portando, ao se relembrar o passado possibilita se organizar os fatos vivenciados e suas interpretações. Conforme Saraiva (2010, p.21) a “a memória é o campo de atuação da história”. Por meio dos relatos históricos das pessoas do povoado Tinguís, foi possível registrar a memória e a história a partir de fragmentos adquiridos dos antepassados até os dias atuais, podendo constatar a importância da sua cultura social, seus costumes e crenças no âmbito social. Diante do exposto, se pode perceber

a importância de se registrar a memória e a história do povoado Tinguis através da escrita, contribuindo para que essas lembranças sejam repassadas as gerações atuais e futuras.

FONTES

DEPOIMENTOS

NUNES, José Lucimar. **Entrevista concedida a Elizamar Bacelar de Oliveira.** Assentamento Josué de Castro, 2018.

PINTO, Maria Eliza. **Entrevista concedida a Elizamar Bacelar de Oliveira.** Buriti dos Lopes, 2018.

SANTOS, Maria dos Anjos. **Entrevista concedida a Elizamar Bacelar de Oliveira.** Assentamento Josué de Castro, 2018.

SILVA BEZERRA, Maria de Fátima. **Entrevista concedida a Elizamar Bacelar de Oliveira.** Assentamento Josué de Castro, 2018.

SOUSA VIEIRA, Lúcia Maria. **Entrevista concedida a Elizamar Bacelar de Oliveira.** Assentamento Josué de Castro, 2018.

VIEIRA, João Clemente. **Entrevista concedida a Elizamar Bacelar de Oliveira.** Assentamento Josué de Castro, 2018.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História** In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). Fontes Históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

AMADO. J. **O grande mentiroso**: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. História, São Paulo, 1995.

Aniversario de 14 anos de Josué de Castro. In: <https://portaldacoroa.blogspot.com/2017/05/aniversario-de-14-anos-de-assentamento.html>.(Acesso em: 13/12/18)

BACELAR, Olavo Ivanhoé de Brito. **Fluxos migratórios e crescimento urbano piauiense**. Carta CEPRO. Teresina. vol. 6, n. 1, p.25. jan/jun. 1980.

BELLOTTO, H. As fronteiras da documentação. In: **Cadernos FUNDAP**. São Paulo, v. 4, n. 8, p. 12-16, abr. 1984.

BENJAMIN César e CALDART Roseli Salete. **Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo**. Coleção Por uma Educação Básica do campo, nº 3, Brasília, DF,2000.

BOSI, ECLÉSIA. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras,1994.

Buriti dos Lopes- PI- IBGE Cidades. In: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/buriti-dos-lopes/historico> (acesso dia 10/12/18)

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. Lisboa: FGG, 2003. (Vol. II O Poder da Identidade).

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CHARTIER, R. **A História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa-Portugal: DIFEL, 2002.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. **Você tem cultura?** In: Explorações – ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p.121- 129.

DIAS, M.Claudete Maria. **Balaiada:** a guerrilha sertaneja. Estudos Sociedade e Agricultura,5, novembro 1995,p.73 -88.

DOMINGOS NETO, Manoel; BORGES, Geraldo Almeida. **Seca Seculorum:** flagelo e mito na economia rural piauiense. Teresina: Fundação CEPRO, 1983.

FERNANDES, Bernado Mançano. **Dicionário da educação do campo.** Rio de janeiro. São Paulo. Escola politécnica de saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular. 2012.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais:** paradigma clássico e contemporâneo. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo, Vértice Editora, 1990.

LEITE, Sergio Pereira. **Dicionário da educação do campo.** Rio de janeiro. São Paulo. Escola politécnica de saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular. P.108.2012

LE GOFF, J.; NORA, P. (Org.). **História:** novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. ;

KOSSOY, Boris. Fotografias e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: **Foto mundo** Buenos Aires, número 342,outubro. 1996.

MARTINS,J.C .O &LEITE,L. **Cultura, religiosidade popular e romarias:** expressões do patrimônio imaterial. In: Martins, C. (Org.). Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, pp. 105-119.2006.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e a história interfaces. In: **Tempo.** Rio de Janeiro, vol. 1, nº2, 1996, p. 73-98.

NORA, Pierre. **Entre memória e história – a problemática dos lugares.** Trad. Yara Aun Khoury. In: Revista Projeto História, São Paulo PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NUNES,Odilon. **O Piauí na História.** 4 ed. Teresina: COMEPI,1975.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social.** Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, vol, 5, n 10, p. 200-212.1992.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PPP: PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escolar estadual Pedro Mariano de Freitas. Implantação 12/2013 Revisado em 2018. Assentamento Josué de Castro -PI

Resolução CNE/CEB Nº. 04, de 13 de julho de 2010: define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica – Cap. II, Arts. 46 a 51.

Reverendo nossa história: Balaiada a revolta dos excluídos. In: <https://www.portalburitiense.com.br/2011/05/25/revendo-nossa-historia-E2%80%93balaiada-a-revolta-dos-excluidos/>(acesso em: 21/11/2018)

SARAIVA REGINA Coelly. F. **História memória, identidade**. Brasília. Faculdade UNB Planaltina, 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIANA, D.S. **Entre o Concreto e o Etéreo**: trabalho e memória dos trabalhadores da construção civil em Teresina na década de 1970.Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí/UFPI – Teresina, 2013.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Curso : História

Aluna: Elizamar Bacelar de Oliveira

Orientadora: Professora mestra Débora Viana

1) Perfil dos entrevistados:

a) Sexo

() Masculino () Feminino

b) Idade -----

c) Escolaridade

() Ensino fundamental incompleto

() Ensino fundamental completo

() Ensino médio

() nenhuma

d) Religião -----

f) Cor/ raça

() Parda

() Preta

() Branco

() Amarela

g) Estado civil -----

h) Renda

() um salário mínimo

() dois salários mínimos

() ½ salário

() nenhum

i) Quantos filhos você tem?-----

2) Quando e como surgiu o povoado Tinguis no município de Buriti dos Lopes?

3) Naquela época os moradores se organizavam de qual maneira ou forma para conseguir os recursos financeiros na localidade?

4) Quais lembranças históricas você tem do povoado Tinguis?

5) Quais festas ou tradições que existiam na localidade? Quais ainda permanecem?

- 6) Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos moradores do povoado Tinguís?
- 7) Por quais motivos as famílias saíram do povoado?
- 8) Qual ano que você saiu do povoado Tinguís? Se retornou ou não por quais motivos?
- 9) No povoado Tinguís existia trabalho escravo?
- 10) Em sua opinião quais mudanças ocorreram no povoado Tinguís que beneficiou a vida social dos moradores?